

## **INDEFINIÇÕES DAS ECONOMIAS INTERNACIONAL E INTERNA SUGEREM CAUTELA QUANTO AOS RUMOS DOS NEGÓCIOS FLORESTAIS BRASILEIROS**

A atual indefinição quanto aos rumos da economia internacional, com o agravamento da crise nos países da zona do euro, Grécia, e possível expansão para Itália, Portugal e Espanha, e quanto aos rumos da economia interna, traz grande apreensão sobre os investimentos e desempenho dos negócios florestais brasileiros. Segundo alguns analistas, a receita comercial com exportações, em 2012, deverá sofrer forte redução, por causa do esfriamento da atividade econômica global e uma eventual redução dos preços das *commodities*. Internamente, o governo brasileiro tem sido forçado a tomar várias medidas para contrabalançar os efeitos negativos que a crise internacional tem provocado. Embora o desempenho das exportações brasileiras, de janeiro a outubro deste ano, tenha sido bom, cerca de US\$ 212,1 bilhões, 29,3% maior do que em 2010, a expectativa é de que este possa não se repetir no próximo ano, uma vez que a maior parte dessas exportações foi devida à venda de *commodities*, destinadas principalmente ao mercado asiático e cujos preços estiveram sobremaneira elevados. A conjuntura de novembro do Centro de Inteligência em Florestas procura analisar os impactos que essas mudanças e indefinições têm causado aos negócios florestais brasileiros.

### **Segmento de Celulose e Papel**

De janeiro a agosto de 2011, a receita das exportações brasileiras de celulose aumentaram de 7,3% e a receita das exportações de papel registraram elevação de 12,2%, em relação ao mesmo período de 2010. A produção de celulose e papel manteve-se estável no acumulado deste ano em relação ao mesmo período do ano passado. No total, foram produzidas 9,3 milhões de toneladas de celulose e 6,5 milhões de toneladas de papel.

Sobre as vendas domésticas de papel produzido no país, houve recuo de 1,7% no período, com mais impacto nos segmentos de papéis de imprimir, escrever e DE cartão. Como já avaliado nos últimos meses, pela Bracelpa, esse resultado tem sido causado, principalmente, pelo aumento das importações desses produtos, nos quais incide a imunidade de impostos quando são destinados à produção de livros, jornais e revistas.

Com relação aos investimentos no segmento, as medidas adotadas em vários países para contornar a crise econômica mundial parecem não estar afetando significativamente as decisões das empresas. O diretor de operações da Fibria, Francisco Valério, afirmou que a companhia segue com os preparativos para três projetos - o primeiro deles, em Três Lagoas (MS), pode entrar em operação em 2014. Em novembro de 2013, a Suzano Papel e Celulose pretende iniciar a produção na fábrica do Maranhão, com capacidade de 1,5 milhão de toneladas por ano. De acordo com o presidente da empresa, a unidade do Maranhão, cujas obras já foram iniciadas, está dentro do cronograma. A fabricante de celulose Klabin vai implantar uma unidade no Paraná avaliada em cerca de R\$ 6 bilhões, segundo reportagem do jornal Valor Econômico. A empresa pretende iniciar atividades a partir de 2015. A nova unidade será voltada tanto para a produção de fibra longa quanto de fibra curta. Com isso, a Klabin deve expandir sua capacidade produtiva em até 1,5 milhão de toneladas por ano.

### **Segmento de Madeira Processada**

Em outubro, exportações de madeira e derivados foram de US\$152.494 mil representando uma queda de 1,8% em relação ao mês anterior. As importações foram de US\$13.101 mil, representando uma redução de 23,2% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de outubro foi de US\$139.393 mil (queda de 0,9% em relação a setembro). Quando comparado com o mês de outubro do ano passado, as exportações, importações e o saldo da balança variaram -7,7%, 5,9% e -8,8%, respectivamente. Em 2011, de janeiro a outubro, a Balança Comercial acumulou um saldo de US\$1.479.372 mil, representando uma redução de 3,5% comparada ao igual período do ano passado. Observa-se ainda que tanto as exportações quanto as importações vêm caindo nos últimos dois meses sinalizando uma redução do ritmo de crescimento (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a outubro de 2010 e 2011. Valores expressos em 1000 US\$

Mês	2011			2010			Variação % entre anos		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo
JAN	138.946	10.651	128.295	115.079	7.350	107.729	20,7	44,9	19,1
FEV	151.265	13.293	137.972	141.550	8.239	133.311	6,9	61,3	3,5
MAR	173.645	13.110	160.535	169.801	11.759	158.042	2,3	11,5	1,6
ABR	150.836	13.292	137.545	159.113	10.498	148.615	-5,2	26,6	-7,4
MAI	175.258	14.930	160.328	173.477	9.640	163.837	1,0	54,9	-2,1
JUN	164.813	14.045	150.767	159.807	11.912	147.895	3,1	17,9	1,9
JUL	142.604	14.092	128.512	177.307	12.179	165.128	-19,6	15,7	-22,2
AGO	166.473	19.933	146.541	169.310	11.841	157.468	-1,7	68,3	-6,9
SET	155.263	17.067	138.196	157.246	12.718	144.528	-1,3	34,2	-4,4
OUT	152.494	13.101	139.393	165.189	12.370	152.819	-7,7	5,9	-8,8
Total	1.571.597	143.514	1.428.084	1.587.878	108.506	1.479.372	-1,0	32,3	-3,5

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

Com relação às atividades das empresas, segundo a [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)](#), em São Paulo, o setor da construção civil registrou uma queda de atividade em virtude da queda no ritmo de liberação de recursos públicos para obras de infraestrutura imposta pelo ajuste fiscal do governo. Apesar da queda na atividade, o empresário da construção civil continua otimista, com vistas ao crescimento para os próximos seis meses. Este fato tem reflexo direto na demanda de madeira e derivados utilizados nas construções.

Em outubro de 2011, os preços do metro cúbico de madeira serrada na Zona da Mata Mineira mantiveram estáveis, a saber: Angelim Margoso (R\$1.890,00), Cumaru (R\$2.430,00), Jatobá (R\$2.430,00), Sucupira (R\$2.250,00), Eucalipto (R\$1.100,00) e Pinus (R\$800,00).

O segmento de madeira processada, em outubro, manteve a trajetória de ligeira queda das atividades, porém com boas perspectivas para o médio prazo. Os preços da madeira e derivados tendem a se estabilizarem no mercado interno. No entanto, a forte flutuação do dólar no mercado e a instabilidade na zona do euro podem alterar as perspectivas positivas para as empresas exportadoras do setor.

## Produtos florestais não madeireiros

No mercado internacional de produtos florestais não-madeireiros, observou-se um aumento do valor das exportações brasileiras de palmito de 11,6%, de janeiro a setembro de 2011. Segundo agentes do setor, essa porcentagem poderia ser maior, mas falta matéria-prima para o processamento. As expectativas são otimistas, pois órgãos como o SEBRAE estão atuando no sentido de fortalecer a produção de pupunha pela suas características de desenvolvimento sustentável e alta capacidade de comercialização. Hoje, o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de palmito e tem um forte mercado interno de consumo, que absorve cerca de 90% da produção.

De janeiro a setembro de 2011, ocorreu o contrário com as exportações de Castanha-do-pará, que reduziram 12,5%, segundo dados do MDIC. Estas são muito dependentes das importações dos Estados Unidos. Por causa da crise naquele país, ocorreram quedas nas exportações nacionais do produto.

O valor das importações de borracha natural reduziu 5% no mesmo período, segundo dados do MDIC.

A indústria pneumática absorve cerca de 80% do consumo nacional de borracha, sendo a grande responsável pela demanda brasileira. A redução das importações de borracha reflete a preocupação da indústria consumidora com a crise nos Estados Unidos e na União Européia, somado ao crescimento menor das economias do G20, uma vez que cerca de 30% da produção é destinada ao mercado externo.

No Brasil, o desaquecimento das vendas de veículos já reflete na produção, que em setembro registrou queda de quase 20%, provocando redução na demanda por pneus e outros componentes que contém borracha pelas montadoras. Adicionalmente, os exportadores brasileiros sofrem com a valorização do real frente ao dólar.

Apesar da redução no consumo de borracha natural neste período, os jornais têm trazido notícias que confirmam novos investimentos no Brasil, de ampliação da capacidade de produção e instalação de novos fabricantes de pneus e veículos. Depois dos japoneses da Sumitomo, fabricante de pneus que está se instalando no Paraná, uma empresa chinesa estuda se instalar no país após a adoção de medidas *antidumping* pelo governo brasileiro.

Por ser um negócio de longo prazo, a heveicultura está sujeita às intempéries do mercado de *commodities*. Porém, estudos apontam que a demanda por borracha natural deve continuar crescendo nas próximas décadas. O desenvolvimento industrial



de países asiáticos, a recuperação das economias dos grandes mercados consumidores e o aumento de consumo nas economias emergentes devem sustentar esse crescimento, segundo Heiko Hossmann, diretor da Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (APABOR) e analista setorial da Revista Lateks.

### **Segmento Moveleiro**

As expectativas recentes de que as medidas tomadas para solucionar a crise financeira internacional acalmariam os mercados não se confirmaram. A crise subsequente atualmente instalada no governo da Grécia trouxe nova onda de desconfiança aos mercados, principalmente para as bolsas de valores, fortemente volatilizadas nessas circunstâncias. As incertezas dos mercados globais ainda prevalecem e, segundo vários analistas, devem continuar por mais tempo.

Com o mercado carregado de incertezas externas, o comportamento do setor moveleiro nacional revela-se igualmente instável, mostrando-se ora otimista, ora pessimista. Segundo o presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), Ivo Cansan, a expectativa positiva atribuída ao segundo semestre do ano é, até o momento, inexpressiva, "Não há nenhuma notícia animadora vinda dos lojistas", revela. "Além disso, o momento não é propício para gastos já que o consumidor está endividado e isso dificulta a expansão e manutenção das vendas", acrescenta. "Vamos ter um final de ano normal, sem movimento e sem grandes procuras para abastecimento", antecipa Cansan. A entidade estima um crescimento de 10% no segundo semestre, incluindo-se a este índice o aumento dos custos e a inflação.

As exportações do setor, segundo dados do MDIC, Quadro 2, de janeiro a outubro de 2011, embora relativamente crescentes, apresentam-se em queda em todos os meses no comparativo com os mesmos meses de 2010, exceto em agosto, quando houve uma ligeira recuperação. No acumulado do ano, o Brasil exportou, aproximadamente, US\$379 milhões em móveis, um resultado 12% inferior ao obtido no mesmo período em 2010, de 431 milhões, aproximadamente. Em setembro e outubro desde ano, o país exportou, respectivamente, 18% e 7% a menos do que setembro e outubro de 2010. Observa-se que embora as exportações de outubro de 2011 sejam menores do que as de outubro de 2010, essas são, no entanto, maiores do que as de setembro de 2011, revelando um aumento de 11%, aproximadamente, nos volumes exportados.

Quadro 2. Exportações e importações totais de móveis no período de janeiro a outubro de 2010 e 2011. Valores expressos em 1000US\$ FOB

Meses	Exportação			Importação		
	Total		Variação	Total		Variação
	2010	2011	2011/2010	2010	2011	2011/2010
Jan.	31.377	29.297	- 7%	236	837	254%
Fev.	40.670	37.020	- 9%	709	991	39%
Mar.	47.249	39.407	- 17%	840	1386	64%
Abr.	44.017	35.796	- 19%	432	533	23%
Mai.	48.201	40.410	- 16%	578	1.008	74%
Jun.	42.312	41.611	- 2%	575	1.069	85%
Jul.	46.100	38.493	-16%	625	1.258	101%
Ago.	40.743	44.226	+ 8%	821	3.273	298%
Set.	45.098	37.223	-18%	1.071	1.232	15%
Out.	44.584	41.477	-7%	1.679	2.202	31%
Total	430.451	379.093	-12%	7.566	13.789	82%

Fonte: MDCI Elaborada pelos autores

As importações de móveis apresentam-se crescentes neste ano de 2011. De janeiro a outubro de 2011, essas somam, aproximadamente, US\$14 milhões, 82% maiores do que as importações ocorridas em 2010. Tal quadro mostra, em parte, uma perda de competitividade da indústria moveleira nacional frente a uma moeda nacional valorizada e em parte, uma incapacidade do setor de atender uma demanda interna crescente. No entanto, em setembro e outubro, percebe-se que houve queda expressiva dessas importações em relação a agosto, reflexo, talvez, da desvalorização do real frente ao dólar decorrente da crise político-financeira que persiste na Europa. Em outubro, as importações, em relação a setembro, voltam a crescer mostrando que há espaço para esse comportamento no mercado (Quadro 2).

### **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.